

O que disse o velho militante José Correia Leite sobre a Frente Negra Brasileira, organização do Movimento Negro da década de 1930

Aderaldo Gil (Aderaldo Pereira dos Santos)

A Revista AÚ inaugura a partir deste seu terceiro número a *Seção Berimbau*. Serão tratadas aqui abordagens sobre militantes e organizações do Movimento Negro brasileiro. O propósito desta seção é contribuir para dar visibilidade às diversas formas de luta criadas por grupo de pessoas negras para enfrentar o racismo em nossa sociedade, assim como destacar o protagonismo de intelectuais orgânicos do Movimento Negro ainda pouco conhecidos na sociedade. Desta feita, a referida seção destaca um pouco da experiência do militante histórico José Correia Leite e vai abordar também sobre a Frente Negra Brasileira, organização de negros e negras criada na década de 1930. De acordo com historiadores e comentadores do tema, a respectiva organização é considerada uma das mais importantes e a que reuniu maior número de pessoas negras entre seus quadros. O historiador Joel Rufino dos Santos (1985), em texto clássico que refletiu sobre o papel do Movimento Negro brasileiro no processo de luta dos movimentos sociais contra a ditadura militar e pela redemocratização política, afirmou ser a Frente Negra o marco inicial do que ele denominou de Movimento Negro em “sentido estrito”.

O texto de Joel Rufino ao qual me refiro tem um título sugestivo: *Movimento Negro e a Crise Brasileira*. Foi publicado em meados da década de 1980, em uma conjuntura de ascensão dos movimentos sociais em luta pela redemocratização. Joel argumentou sobre o papel que o Movimento Negro exercia no Brasil no combate ao racismo e contra o chamado “mito da democracia racial”. Sua análise identificou, a partir das experiências dos militantes deste movimento, duas concepções de movimento negro. Uma que envolveria o combate ao racismo através de formas de organização, ações e lutas em defesa dos valores culturais afro-brasileiros ocorridas em qualquer tempo da história. Sob esta perspectiva, o Quilombo dos Palmares (e todas as lutas quilombolas), as irmandades negras, os terreiros, os clubes de negros, por exemplo, fariam parte do que Joel Rufino definiu como Movimento Negro “em sentido amplo”. O Movimento Negro “em sentido estrito”, por sua vez, de acordo com o historiador, corresponderia à luta política mais organizada contra o racismo como resposta ao referido “mito da democracia racial”. E, desta feita, Joel Rufino identifica o surgimento da Frente Negra Brasileira como o marco inicial do

Movimento Negro “em sentido estrito”. Nos números seguintes desta nova seção da revista abordaremos sobre as experiências de outras organizações. Por ora, nosso ponto de partida é a história da Frente Negra. Vamos a ela.

Da imprensa negra à Frente Negra

De acordo com Joel Rufino, o embrião que deu origem à Frente Negra Brasileira (FNB) foi a movimentação entorno da imprensa negra paulista que existiu desde o final do século XIX. Vale lembrar, neste sentido, que a estratégia de criação de jornais por parte de grupos de negros e negras, para denunciar o racismo e propagar as reivindicações do povo negro, existiu em diversas regiões do país, a partir dos séculos XIX e início do XX. O livro de Ana Flávia Magalhães Pinto (2010), *Imprensa negra*, é referência importante para quem desejar conhecer mais sobre o assunto. Interessante também é ter acesso aos próprios jornais e para isto basta acessar a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional a fim de descobrir que vários periódicos negros estão disponíveis para leitura e pesquisa. Jornais como *A Pátria* (1889), *O Menelick* (1915), *A Liberdade* (1919), *O Getulino* (1923), *O Clarim d’Alvorada* (1924), por exemplo, serviram de base para o surgimento da Frente Negra Brasileira em setembro de 1931. Flávio Gomes (2005) nos alerta, neste sentido, que os jornais negros também estavam relacionados a algumas das instituições negras que existiam em São Paulo, antes mesmo do aparecimento da FNB, a exemplo de clubes, associações, sociedades recreativas, beneficentes e religiosas. Isto significa que o cenário do movimento de negras e negros em São Paulo que redundou na fundação da Frente Negra foi constituído por este conjunto de experiências.

Outra referência importante vinda de quem participou diretamente da experiência de criar jornais e da própria criação da Frente Negra é a obra *E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*. Este livro registra as memórias de José Correia Leite, militante histórico do Movimento Negro paulista, fundador do jornal *O Clarim d’Alvorada* (1924). Diante da vasta experiência do senhor Correia Leite, que vai da década de 1920 em diante, suas memórias se constituem em material muito valioso que continua alimentando pesquisas diversas sobre *Movimento Negro* em todo o país, sobretudo, no campo acadêmico, através de dissertações e teses inspiradas na rica memória do senhor José Correia Leite. Portanto, como forma de divulgar o valioso trabalho que foi a publicação das suas experiências de ativista do Movimento Negro, a seguir tratarei da Frente Negra Brasileira, a partir de alguns aspectos da abordagem que o velho militante registrou em seu livro de memórias.

O que disse o velho militante sobre a Frente Negra?

O livro de memórias do senhor José Correia Leite foi organizado pelo poeta e escritor Luiz Silva (conhecido pelo pseudônimo Cuti) e publicado em 1992 com o título *... E disse o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*. Como já informado, a riqueza dos depoimentos é imensa e vem servindo de fonte para estudos sobre o Movimento Negro. As experiências relatadas abarcam um período longo que compreende diversas conjunturas importantes entre as décadas de 1920 a 1980. Nascido em 23 de agosto de 1900, na cidade de São Paulo, Correia Leite fundou o jornal *O Clarim d’Alvorada* (1924), fez parte do conselho que fundou a Frente Negra Brasileira (1931), criou o Clube Negro de Cultura Social (1932), ajudou

Seção Berimbau

a fundar a Associação dos Negros Brasileiros (1940), presidiu o Conselho Deliberativo da Associação Cultural do Negro (1956), participou da criação da revista *Niger* (1960), colaborou com pesquisas sociológicas, com destaque para o livro clássico *Integração do Negro na Sociedade de Classes*, de Florestan Fernandes (1965). Além disso, deu depoimentos em documentários cinematográficos diversos, a exemplo do filme *A Escravidão*, do cineasta Zózimo Bubul. Faleceu em 27 de fevereiro de 1989.

Em relação ao contexto político na época do surgimento da Frente Negra Brasileira, o senhor Correia Leite observa que a campanha política para a presidência da República de 1929 teve um impacto importante no meio negro paulista. Segundo ele, “a campanha foi um movimento sem igual” (p. 88). Na sequência, o velho militante discorre suas impressões a respeito do respectivo acontecimento político. Ele começa destacando o aspecto de que a situação precária em que o negro vivia era um estímulo para a sua participação política, “Isso absorvia muito, principalmente o negro, que, com toda a marginalidade, era muito interessado em política, sempre gostou de assuntos de política” (p. 88), argumenta Correia Leite. O velho militante, então, sinaliza para o impacto que teve a eleição de Getúlio Vargas no meio negro: “O negro nunca tinha tido uma eleição com um candidato de oposição forte como foi o Getúlio” (p. 88), afirma Correia Leite. Em seguida, destaca o quanto esta eleição atraiu um contingente de pessoas negras que se tornaram cabos eleitorais:

As eleições até então eram feitas com todo mundo indo votar de cabeça baixa. Mas daquela vez as pessoas estavam vendo que alguma coisa ia mudar. E isso absorveu muito, a gente teve de desviar a atenção para esses assuntos. Porque o entusiasmo dos negros foi muito grande na campanha eleitoral, pois em grande maioria eles eram cabos eleitorais. (p. 91)

Outro ponto importante lembrado pelo senhor José Correia Leite, em relação à situação vivida pela população negra da época, diz respeito à crise econômica de 1929. Segundo ele, foi um ano “de uma recessão muito grande e as consequências na situação do negro foram graves” (p. 91). De acordo com o pensamento de Correia Leite, a referida crise e a participação dos negros mais politizados no movimento que redundou na chamada Revolução de 1930, abriu caminho para uma nova fase da luta negra paulista:

Desse modo é possível distinguir o Movimento Negro antes de 30 e depois de 30. Este tomou outra feição. O negro, por intuição ou qualquer coisa, na Praça da Sé se reunia em grupos e as discussões eram calorosas. Estava sempre à frente o Isaltino Veiga dos Santos, o que mais agitava os grupos. Foi um sujeito que lutou muito. Sem ele não teria existido a Frente Negra Brasileira. Em 30 não se tinha ideia do nome, mas estava-se discutindo de como o negro poderia participar. Não se queria ficar marginalizado na transformação que se esperava. (p. 91).

Ou seja, a nova fase se relacionava com a busca de se construir uma organização negra com mais força política para levar adiante as demandas que advinham do meio negro paulista:

Seção Berimbau

Passou o ano de 1930. No ano seguinte surgiu a Frente Negra Brasileira, com o nome de 'frente' porque estava muito em voga essa palavra nos meios revolucionários. Era 'frente' daqui, "frente dali". E o Isaltino Veiga dos Santos dizia que a Frente Negra Brasileira surgiu em 1931 sob a égide da Revolução de 30. § Aí começou uma outra fase do Movimento negro, a mais agitada e mais forte. Porque foi quando o negro teve motivação para se aglutinar. E como o negro tinha também de enfrentar a crise econômica que vinha de 29, envolvendo os Estados Unidos, houve uma pressão maior para que se procurasse resolver os problemas. Aqui no Brasil a 'bomba' tinha estourado mais pro lado do negro, o subempregado. Se a situação estava difícil, para nós estava muito mais difícil. Então, nessa fase de 29 e 30 procurava-se uma coisa que trouxesse segurança, uma melhoria de vida. (93).

Seu Correia Leite também relatou sobre algumas das estratégias que foram colocadas em prática na época para enfrentar o problema da falta de recursos:

A Frente Negra surgiu e logo teve de enfrentar a sua primeira dificuldade: conseguir dinheiro. Alguém teve a ideia de criar um grupo de pessoas para a arregimentação. Essas pessoas receberam o nome de 'cabos'. Elas saiam pelos bairros da periferia e cobravam um mil réis de cada pessoa arregimentada, o que seria a primeira mensalidade. No fim do dia os 'cabos' recebiam uma porcentagem do dinheiro arrecadado no seu trabalho. E isso deu certo. (p. 93).

Além da atuação dos chamados "cabos", teve papel decisivo na sustentação da Frente a atuação das mulheres negras através do grupo intitulado de *Rosa Negra*, formado por mulheres *frentenegrinas*. De acordo com velho militante, este grupo, além de ajudar financeiramente a entidade, organizando bailes e festas, "mantinha o jornal *A Voz da raça*" (p. 123) que se constituiu em veículo de comunicação oficial da Frente Negra Brasileira.

Por divergir da direção política e ideológica que foi estabelecida na Frente Negra Brasileira, seu José Correia Leite apresentou carta de rompimento (p. 94) e se afastou da entidade. No entanto, em que pese este aspecto, seu relato revela o entusiasmo que movia a militância negra da época. Vale ressaltar que, além de ter criado uma escola primária, a Frente Negra teve representação em outros estados, inclusive, no Rio de Janeiro. A organização se transformou em partido político em 1936 e, em função do Estado Novo, foi extinta em 1937. A história da Frente Negra Brasileira durou, portanto, de 1931 a 1937. Continua aguardando o interesse de mais pesquisadores (as) para trazer à tona outros meandros desta valiosa experiência negra. E mais uma vez o depoimento do velho militante lança luz aos interessados na pesquisa histórica: "Fiquei sabendo depois que houve na Frente Negra uma dissidência e saiu de lá um outro grupo com o título de Frente Negra Socialista. Eram elementos de esquerda que ingressaram na Frente Negra com intenção de induzir associados para conquistar a direção da entidade." (p. 117) . Esta é uma história que precisa ser conhecida com mais profundidade. A história da Frente Negra Socialista aguarda seus historiadores. Um abraço.

Referências

GOMES, Flávio. **Negros e Política (1888-1937)**, Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

CUTI (Org). **E assim falou o velho militante José Correia Leite: depoimentos e artigos**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **Imprensa Negra no Brasil do século XIX**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

SANTOS, Joel Rufino dos. **Movimento Negro e a Crise Brasileira**. Revista Política e Administração, Rio de Janeiro, n.2, jul/set 1985.